



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 18 – Ano IX – 10/2020
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Maternidade e práticas culturais no quilombo

Prof^a. Dr^a. Paula Cristina Silva

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - Brasil
Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5594074726509467>
E-mail: paula.ufvjm@gmail.com

Prof^a. Dr^a. Carmem Lúcia Eiterer

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo - USP – Brasil
Docente Titular da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9905263965506713>
E-mail: eiterercarmem@gmail.com

Prof^a. Dr^a. Shirley Aparecida de Miranda

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - Brasil
Docente Associada da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9905263965506713>
E-mail: mirandashirley48@gmail.com

Resumo: Este artigo, realizado a partir do levantamento no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e do Estado da Arte sobre Quilombos e Educação, busca compreender o que os estudos realizados no Brasil, e em especial na região do Serro (MG), nos dizem acerca da maternidade e das práticas culturais num contexto de quilombos. A questão que orientou a escrita integra a pesquisa doutoral “Maternidade e práticas culturais em uma comunidade quilombola no Alto Jequitinhonha” (SILVA, 2020). Num total dezessete teses e dissertações localizadas verificamos que as pesquisas

demonstram o apagamento histórico e a luta por acesso a direitos básicos; como a demarcação e permanência dos quilombolas em seus territórios, o acesso à saúde e à educação. Especificamente sobre os estudos desenvolvidos no território investigado, estes apontam a marca da tradição garimpeira na região de Serro, assim como os impactos dessa atividade na vida da população. Identificamos que as interseções entre gênero, classe e raça na sociedade brasileira enfatizam o legado de uma história de luta; da atuação de mulheres negras como mães, professoras e líderes comunitárias, dentre outros aspectos.

Palavras-chave: Maternidade. Quilombos. Educação. Estado da Arte.

Introdução

Este artigo, realizado a partir do levantamento no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e do Estado da Arte sobre Quilombos e Educação, busca compreender o que as pesquisas nos dizem acerca da maternidade e das práticas culturais num contexto de quilombos. A questão que orientou a escrita deste artigo integra a pesquisa doutoral “Maternidade e práticas culturais em uma comunidade quilombola no Alto Jequitinhonha” (SILVA, 2020). Na primeira parte deste texto apresentamos o locus investigativo e as pesquisas realizadas no território quilombola de Serro, Minas Gerais, onde a pesquisa foi desenvolvida. A seguir, na segunda seção, recorreremos às teses e dissertações que compõem a categoria quilombo no Estado da Arte das Relações Étnico-Raciais (MIRANDA et al, 2018) e ampliamos essa busca para o Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Ao final tecemos as considerações finais do artigo.

1. Baú, Ausente, Queimadas, Vila Nova e Fazenda Santa Cruz: dados e pesquisas no território quilombola de Serro

O território de Fazenda Santa Cruz, onde a pesquisa fora desenvolvida, abarca três municípios (Datas, Diamantina e Serro) do estado de Minas Gerais, Brasil. Todavia, durante o processo de reconhecimento da comunidade pela Fundação Cultural Palmares, Fazenda Santa Cruz foi vinculada ao município de Serro, que apresenta uma particularidade: tem instituído o Conselho Municipal de Desenvolvimento Social das

Comunidades Quilombolas de Serro/MG, com representantes das cinco comunidades da região Vila Nova, Queimadas, Baú, Ausente e Fazenda Santa Cruz.

Na cidade de Serro, 85% da população de 20.835 habitantes se autodeclara negra (pretos e pardos), de acordo com dados do IBGE¹. Pouco mais da metade desse número são mulheres, 10.461 no total. Desse número, 7.940 vivem no meio rural. Do total da população, 4.971 – mais de 23% das pessoas – não são alfabetizadas. Ainda com base nessa fonte, em 2015, o salário médio mensal era de 1,7 salários mínimos e apenas 37,7% dos domicílios dispunham de esgotamento sanitário adequado. A referida cidade, portanto, apresenta um contexto de falta de acesso a bens e serviços básicos.

Tabela 1: População de Serro - Cor

Cor	Preta	Parda	Branca	Amarela
Percentual	9%	76%	14%	1%

Fonte: Dados do IBGE 2010. Tabela elaborada pela pesquisadora

Em pesquisa realizada pelo Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento – PNUD – pela Fundação João Pinheiro e pelo Instituto de Pesquisa Aplicada – IPEA –, divulgada em 2013, localizamos alguns dados relevantes para o contexto do nosso estudo acerca do município de Serro². Observamos que as taxas do município são, praticamente, a metade daquelas nacionais e que a maior parte da população, 72,8%, possui escolarização concentrada no Ensino Fundamental, séries iniciais e finais. A seguir uma tabela que compara o percentual de escolarização da população brasileira³ com a população de Serro⁴.

¹Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=316710>>. Acesso em: 15 maio 2016.

²Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/serro_mg>. Acesso em: 15 maio 2016.

³Dados do IBGE.

⁴Dados do Portal Atlas Brasil.

Tabela 2: Escolarização da População de Serro com 25 anos ou mais – 2010

	Fundamental incompleto e “analfabeto”/ “sem instrução”	Fundamental incompleto e alfabetizado	Fundamental completo e Médio incompleto	Médio completo e Superior incompleto	Superior Completo
Brasil ⁵	47,8	-----	14,4	25	12,5
Serro	24,4	48,4	8,8	11,8	6,8

Fonte: Dados do IBGE 2010, tabela elaborada pela pesquisadora

A taxa de fecundidade no município, em 2010, foi de 2,6 filhos por mulher; e, no Brasil, de 2,4⁶. Dentro do total de mães chefes de família na cidade do Serro, 28,64% não completaram o ensino fundamental e têm filho/filha menor de idade. Esse dado reflete um pouco da realidade das mulheres de Santa Cruz que têm filhos em idade escolar matriculados na escola do território quilombola: das 13 mães, apenas 5 foram além do ensino fundamental⁷. Sobre a ocupação das pessoas com 18 anos ou mais, 35,35% atuam no setor agropecuário; 1,51% na indústria de extração; 2,30% na indústria de transformação; 9,66% na área de construção; 0,49% na área de utilidade pública; 9,38% no comércio e 39,95% no setor de serviços. Ou seja, predominam as atividades de baixa especialização no município.

Cabe destacar que os dados estatísticos refletem de maneira superficial a realidade dos municípios brasileiros, pois nem todos os sujeitos são alcançados por pesquisas com esse tipo de amplitude. De todo modo, tais dados vão ao encontro das constatações feitas por Santos (2015), que indicam a discriminação racial como fator que interfere na qualidade de vida e no acesso a direitos básicos das famílias negras.

Analisando os desafios enfrentados pelas famílias negras no contexto educacional, sob a ótica de gênero e raça, Santos (2015, 118) destaca a forte relação entre

⁵Não localizei nos dados do IBGE o percentual desmembrado entre “Fundamental Incompleto e analfabeto” e “Fundamental incompleto e alfabetizado”. Na página consta o termo “Sem instrução e com Fundamental Incompleto”. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000011363712202012375418902674.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

⁶Disponível em: <<http://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/taxas-de-fecundidade-total.html>>. Acesso em: 15 maio 2016.

⁷Dados referentes ao mapeamento das mulheres que tinham crianças matriculadas na Escola Municipal do território em 2016.

desigualdade racial e desigualdade socioeconômica no Brasil, o que acaba “por colocar as famílias negras numa situação muito vulnerável”. Em acréscimo, a pesquisadora evidencia as desigualdades de gênero, visto que, em muitas famílias negras, as mulheres são as principais responsáveis pelo orçamento familiar. Em se tratando da realidade quilombola, o IBGE, em parceria com a Fundação Cultural Palmares, planejavam para o ano de 2020, desenvolver uma metodologia que incluísse os dados estatísticos dessa parcela população brasileira. Quando conversei⁸ com a presidente da Associação quilombola em Fazenda Santa Cruz, em 2016, ela estimou 40 famílias cadastradas na Associação Quilombola. Leite et al (S/D) precisam a quantidade de 78 famílias e 312 moradores, distribuídos nos quatro povoados que compõem o quilombo (Santa Cruz de Cima, Santa Cruz de Baixo ou Samambaia, Boqueirão e Colônia). De acordo com os pesquisadores:

a comunidade quilombola ocupa as faixas de pedra da Fazenda do Ó, Fazenda Delgado, Fazenda das Abóboras e Fazenda dos Cunhas. As faixas de terra ocupadas pela comunidade quilombola são, em grande parte, imprestáveis para a exploração de atividades agrícolas. As terras férteis são dominadas por fazendeiros, que as utilizam para a produção agrícola e criação de gado de corte. (LEITE et al, S/D)

Grande parte dos moradores de “Santa Cruz do lado de cá”, na parte que pertence oficialmente ao município de Serro, mulheres e homens, trabalham na roça, plantando e cultivando hortas, apesar da condição adversa para o cultivo das terras. Além da mini granja e da horta comunitária, são cultivados canteiros de alface, mostarda, couve, tomates, alho, almeirão, beterraba e cenoura. Há também o cultivo de urucum – utilizado para fazer corante – mandioca, abacaxi, limão, maracujá e chuchu. As verduras, além de serem consumidas pelas famílias, são comercializadas junto ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)⁹, com intervenção da Empresa de Assistência Técnica e

⁸ Juan Martín e Angeles Madroñal (2016) abordam a necessidade de “descolonizar as metodologias etnográficas e a produção antropológica, assim como o compromisso de transferir e partilhar com os sujeitos que constroem o conhecimento antropológico” (MARTÍN; MADROÑAL, 2016, p. 262). Defendem a abertura de outras antropologias e que tal abertura se estenda “aos outros” e “às outras” subalternizados/as. Ao elaborarem uma revisão acerca das tendências descolonizadoras da antropologia, demarcam a distinção entre “diálogos etnográficos” e “conversas”, o que nos serviu de inspiração nesta investigação: “nas conversas etnográficas (que não nos diálogos da Antropologia pós moderna) nos “convertemos”, não no sentido de que nos convertemos no outro da conversa, mas em que em ambos nos tornamos versões de nós mesmos produzidas na conversa” (MARTÍN, J.C.G.; MADROÑAL, A. C, 2016, p. 271)

⁹ O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) oferece alimentação escolar e ações de educação alimentar e nutricional a estudantes de todas as etapas da educação básica pública. Retirado de:

Extensão Rural (EMATER). Diariamente, pela manhã e pela tarde, as mulheres molham as hortas que ficam próximas à margem do rio. Rio que, além de contribuir com a nutrição da comunidade, é local de encontro durante a lavagem de roupas. Algumas das mulheres vão até os córregos para lavar roupas e, quando estes estão secos, vão direto para o rio Jequitinhonha. Outras lavam as roupas na porta de casa, onde há uma mesa improvisada de madeira para apoiar as roupas que vão sendo esfregadas, por mulheres ou suas filhas. As roupas lavadas no córrego, no rio, ou na porta de casa, são estendidas na cerca, juntas às casas das mulheres. Alguns homens trabalham fora do quilombo, na atividade de garimpo em Diamantina, na construção civil ou em algumas fazendas da região quando “há jornal” – demanda de trabalho. Algumas das mulheres, além das atividades de renda realizadas no próprio quilombo (plantação de horta, coleta de esterco, bordado, granja) realizam o trabalho doméstico (lavam e passam roupas, limpam casas) em fazendas da região. Nas próximas linhas apresentaremos dissertações de mestrado¹⁰ que tiveram como *lócus* investigativo o território dessas comunidades.

A dissertação de mestrado de Soares (2012), desenvolvida em Vila Nova, investigou os usos sociais da leitura e da escrita na comunidade. O quilombo Vila Nova fica localizado em uma rua próxima à área central do distrito rural de São Gonçalo do Rio das Pedras. As atividades de renda concentram-se na agricultura familiar e em funções ligadas à prestação de serviços domésticos, como faxineira, lavadeira, passadeira, babá, e à construção civil, como auxiliar de pedreiro, pedreiro, carpinteiro (SOARES, 2012). Dando ênfase à fábrica de doces da comunidade, a pesquisadora identifica os diferentes modos utilizados pelos sujeitos da comunidade para interagir com a escrita em suas atividades cotidianas: a memorização de receitas utilizadas pelas mulheres; a mediação de textos realizada por uma das netas, que era alfabetizada; e a conferência do caderno de registro da fábrica feita pela filha, que também se configurou como uma alternativa para lidar com a demanda de uso da língua escrita. É importante a percepção da pesquisadora acerca do modo como as mulheres se organizavam na pequena fábrica, retomando uma relação com o trabalho em outra perspectiva: “a lógica que rege o arranjo hierárquico do grupo não corresponde ao domínio de saberes ligados à língua escrita e,

<<https://www.fnnde.gov.br/programas/pnae>>. Acesso em: 09 mar. 2020.

¹⁰Não localizamos nenhuma tese.

sim, à experiência, aos conhecimentos adquiridos pelos mais velhos ao longo da vida” (SOARES, 2012, p. 148).

Por meio de um estudo histórico e linguístico, Simões (2014) buscou identificar o “léxico de origem africana presente em falares da região diamantina de Minas Gerais” (p. 7) nas comunidades quilombolas de Baú e Ausente (pertencentes ao município de Serro), Espinho (município de Gouveia) e Quartel do Indaiá (município de Diamantina). Caracterizando a região histórica e economicamente, o autor dá ênfase à atividade de garimpo que, mesmo sendo ilegal nos dias atuais, ainda persiste sob a forma de empreitadas independentes. Segundo ele, após a abolição da escravatura, foi expressiva a quantidade de pessoas negras que se ajuntaram a garimpeiros independentes em busca de diamantes. Referindo-se às comunidades como “remanescentes de quilombos” e apresentando, inicialmente, uma concepção subalternizada de quilombos relacionada a local de fuga, e ao fato de “os quilombolas ou calhambolas” serem “temidos pelos habitantes da colônia, sendo frequentemente acusados de roubos e assassinatos” (SIMÕES, 2014, p.25-26), o pesquisador evidencia a existência de estudos, inclusive estrangeiros, que tiveram como *locus* investigativo as comunidades de Baú e Ausente – as mais próximas de Milho Verde (distrito de Serro muito conhecido em função de suas paisagens naturais e festivais culturais) – que buscaram levantar a contribuição e influência da cultura africana no campo da música e da linguística.

Leuchtenberger (2016), pesquisando as práticas de cuidado em saúde reprodutiva de mulheres da comunidade quilombola Ausente, observa como o auxílio prestado por outras mulheres na organização da casa e no cuidado com as outras crianças é fundamental no período do puerpério. Acompanhando mulheres quilombolas em período de gestação, parto e puerpério, a pesquisadora mostra que a vida das mulheres quilombolas interfere em sua capacidade de decisão e protagonismo, evidenciando a rede de apoio formada pela família e pela comunidade. Leuchtenberger destaca que ainda se faz necessário o acesso às informações técnicas no que diz respeito à gestação, ao parto e ao cuidado de si e das crianças.

Gonçalves (2016), no mestrado interdisciplinar em Ciências Humanas, almejou fazer um mapeamento das políticas públicas implementadas nos cinco quilombos de Serro. Sua pesquisa tinha por objetivo “apresentar possibilidades teóricas, capazes de

vislumbrar caminhos a percorrer na construção de políticas públicas implementadoras de direitos fundamentais multiculturais de grupos minoritários e comunidades tradicionais” (GONÇALVES, 2016, p. 7). Analisando as atas das reuniões do Conselho Municipal de Desenvolvimento Social das Comunidades Quilombolas, entre os anos de 2013 a 2015, foram levantadas demandas relativas à precariedade do transporte escolar e das estradas, à necessidade de valorização da cultura quilombola, a projetos de educação escolar quilombola, à dificuldade na titulação dos territórios, à precariedade do serviço público de saúde, à falta de água nas comunidades, à preocupação com o empreendimento minerário e os possíveis impactos. Com a persistência desses problemas ao longo do período analisado (2013-2015), foi constatada a inexistência de políticas públicas locais para atendimento das demandas apresentadas pelos quilombolas no Conselho Municipal. Entretanto:

a visibilidade política fica evidente com a participação e reivindicação das cinco comunidades no Conselho Municipal de Desenvolvimento Social das Comunidades Quilombolas de Serro/MG, onde discutem, articulam e solicitam providências do poder público. E ainda, são incentivados e participam de cursos e eventos, Seminários e Fóruns. A visibilidade dessas comunidades fica evidente quando elas próprias se autoafirmam e se identificam como remanescentes de quilombos, solicitando à Fundação Cultural Palmares e à Procuradoria da República em Minas Gerais, o reconhecimento em consonância com o Art. 68 dos ADCT e o Decreto 4.887 de 2003 (GONÇALVES, 2016, p.136).

Tematizando o “processo de defesa do território da comunidade quilombola de Queimadas frente à expansão minerária no Alto Jequitinhonha” (p. 13), Costa (2017) contextualiza o início da atividade mineradora na região no século XVIII, que, a partir de 1980, vai cedendo lugar à exploração de carvão vegetal, destruindo parte considerável da Mata Atlântica do território e cedendo lugar a áreas de pastagens. A seguir:

Com o fim da exploração do carvão vegetal, ocorreu a migração de grande parte dos trabalhadores rurais que trabalhavam nas carvoarias para outras atividades. A agricultura familiar passou a ser uma das principais atividades econômicas desenvolvidas no município. Outros que não conseguiram se realocar em outras atividades no campo vieram para a cidade, período que ocorreu um êxodo rural considerável no município (COSTA, 2017, p. 21).

O pesquisador contextualiza a ocupação do território pela população negra na região, evidenciando como as atividades de garimpo foram cedendo espaço à agricultura familiar:

O garimpo, durante muito tempo, foi a fonte de exploração das comunidades quilombolas que margeiam o rio Jequitinhonha e seus afluentes.

Nestas comunidades quilombolas vários pontos de garimpos foram instalados, geralmente os garimpeiros forneciam os equipamentos mínimos necessários para que os quilombolas pudessem explorar ouro e diamantes nos pequenos rios que cercavam as comunidades e seus territórios.

Atualmente, o garimpo foi abolido na região devido às fiscalizações constantes dos órgãos ambientais e pelo desenvolvimento da legislação. Isso fez com que os trabalhadores migrassem para outras atividades laborativas. Uma das alternativas foi a agricultura de subsistência para aqueles que ainda insistiam em permanecer no campo.

Com a decadência do garimpo em seus territórios as comunidades quilombolas intensificaram suas atividades na prática da agricultura familiar de subsistência, na criação de pequenos animais e na produção de uma pequena horta para consumo próprio. (COSTA, p. 25-26)

Sobre a atividade mineradora, Serro possui um subsolo que permite a existência de minerais como ferro, ouro, cromo e outros, e um empreendimento minerário de uma grande empresa estava a sondar o território da comunidade de Queimadas. Toda essa movimentação impactou no modo como é acionada a identidade quilombola dos moradores:

É neste contato com o outro que surge a necessidade de acionar a identidade quilombola para garantir acesso a determinados direitos e também para garantir o território. A identidade quilombola passa a ser uma defesa em face dos interesses que confrontam os da própria comunidade (COSTA, 2017, p. 100).

Em estudo recente, Santos (2018) tematizou a educação escolar quilombola e buscou entender como esta se dá em Serro a partir da participação dos(as) quilombolas das comunidades Ausente, Baú, Queimadas, Santa Cruz e Vila Nova no Conselho Municipal de Desenvolvimento Social das Comunidades Quilombolas de Serro/MG (p. 6). A pesquisadora percebe a estreita ligação que permanece entre as comunidades por meio dos relatos dos quilombolas participantes do Conselho e ao descrever as comunidades. Nota-se a forte influência da atividade de garimpo, da agricultura familiar e os laços de parentesco entre os quilombolas de Serro. Precaridade do transporte público, abastecimento de água direto das nascentes ou cursos d'água, ausência de esgotamento sanitário e de pavimentação nas estradas de acesso também são características em comum dos quilombos da região apontadas por ela.

Dentre as práticas desenvolvidas nos quilombos da região, notamos a agricultura familiar, o garimpo e a fábrica de doces de Vila Nova, que envolve diferentes gerações e

conhecimentos adquiridos pelos mais velhos. A contribuição e a influência da cultura africana na música e na linguística, além das práticas de cuidado e saúde que envolvem as mulheres também emergem nos trabalhos analisados.

A seguir apresentamos o que nos informam sobre a maternidade as pesquisas realizadas em quilombos.

2. Maternidade no quilombo

Nesta seção, pretendemos revisitar as teses e dissertações realizadas junto a mulheres quilombolas, buscando compreender o que elas nos dizem acerca da maternidade: Que relações podemos estabelecer entre maternidade e práticas culturais desenvolvidas no quilombo?

Mais uma vez recorreremos às teses e dissertações que compõem a categoria quilombo no Estado da Arte das Relações Étnico-Raciais (MIRANDA et al, 2018). Procuramos pelas pesquisas que mencionam as palavras-chave “mulher”, “mulheres”, “mulheres quilombolas” e identificamos Manfrinate (2011), Nunes (2013), Silva (2012) e Santos (2012). Em acréscimo, no Banco de Teses e Dissertações da Capes, complementamos a busca com investigações posteriores ao período dos trabalhos analisados no Estado da Arte (2003-2014). Localizamos oito pesquisas publicadas entre os anos de 2015 e 2018, dentre os noventa e três estudos referenciados pela palavra “quilombo” na base de dados da CAPES: Botega (2017), Souza (2017)¹¹, Xavier (2018), Ferreira (2016), Andrade (2016), Bello (2017) e Silva (2018a).

Manfrinate (2011), por meio da história de vida, buscou investigar o processo de educação contínua realizado por um grupo de mulheres do Quilombo Mata Cavalo, em Mato Grosso. Focalizando a história de vida de D. Tereza, a primeira professora negra e quilombola do território, a pesquisadora realizou entrevistas com dezesseis mulheres de Mata Cavalo. Balconistas, professoras, aposentadas, donas de casa, mulheres de 22 a 72 anos que pouco frequentaram a escola na infância e hoje frequentam a EJA no quilombo. D. Tereza, mãe biológica de quatorze filhos, criou mais cinco. Recém-formada no curso normal, dava aula no quintal de sua casa, em uma salinha para alunos do quilombo. Hoje

¹¹ Ainda não disponível para leitura.

ela é liderança na comunidade. Conta e reconta a história do território. Ocupada e requisitada, tem um “cuidado com todos e uns com outros”. A comunidade tem um entendimento de que todos são parentes.

Silva (2012) buscou investigar a proposta de educação do território quilombola e sua relação com as lutas de seus moradores/as. Nascida nesse território quilombola localizado em Pernambuco, Silva (2012) destaca a migração de muitos dos homens para São Paulo para trabalhar na construção civil ou em serviços que não exigem mão de obra qualificada. Aponta que o trabalho doméstico das mulheres de Conceição das Crioulas, nas casas de famílias brancas na cidade ou em fazendas da região, quando desenvolvido na cidade na condição de empregadas domésticas, era alimentado pela expectativa, frustrada, de continuar os estudos, pois as “mulheres meninas” não conseguiam conciliar a sobrecarga do trabalho com os estudos. Tendo em vista esse panorama, marcado também pela ausência de políticas públicas, são as mulheres quem permanecem na comunidade “cultivando e alimentando a luta pelo território”.

Santos (2012) pesquisou a atuação e a história de vida educacional de quatro mulheres lideranças do Quilombo das Onze Negras, em Pernambuco. Maria da Conceição, Maria José de Fátima, Maria José Santana e Valdirene Maria. Todas mães. Na trajetória das quatro quilombolas são rememoradas as conquistas das mulheres negras do território: creche, espaço cultural, escola. Nota-se a infância e o trabalho junto às mães no território: “lavar roupa para ajudar a mãe” e em “casa de branco” quando “não sobrava tempo para brincar”. A rigidez, a insistência e o empenho de suas mães para que as filhas estudassem também figuram nas lembranças das mulheres.

Nunes (2013) analisa as experiências escolares de um grupo de mulheres quilombolas em Brejão dos Aipins, Piauí, evidenciando suas relações com as participações nas formas de organização e enfrentamento das opressões ligadas à raça, ao gênero, à localização geográfica e às condições sociais. Nesse percurso, dentre os apontamentos relacionados à maternidade, a autora destaca que as entrevistadas partilharam desde cedo com suas mães a responsabilidade de certas tarefas domésticas, seja cuidando de irmãos/ãs menores, dos animais ou das plantas do quintal. Nunes (2013) também enfatiza a presença das mulheres nas lideranças comunitárias e suas circulações em diferentes espaços, além do território quilombola. Na trajetória escolar das

quatro mulheres com quem partilhou a pesquisa, a figura da mãe é uma referência, incentivando o prosseguimento nos estudos, a superação das dificuldades financeiras e do isolamento social.

Ferreira (2016) buscou compreender os modos de participação de um grupo de mulheres nas culturas do escrito, na comunidade Mato do Tição, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. A autora evidenciou novos contornos e sentidos atribuídos pelas mulheres às culturas do escrito: “elas ressignificam seu papel na cultura, sua identidade e os conteúdos culturais da comunidade, na direção de se afirmarem como sujeitos políticos e se deslocarem da subalternidade” (FERREIRA, 2016, p. 203). Todas as mulheres com quem interagiu em campo eram mães. A referida autora destaca a importância atribuída a todas elas para que as crianças estejam na escola, se envolvam em algum trabalho e ganhem o próprio dinheiro.

Andrade (2016) discutiu os processos de empoderamento e liderança de mulheres do quilombo do Cravo, no Pará. Valendo-se de entrevistas e da História Oral, a pesquisadora conversou com onze mulheres do território. O “Clube de mães” ganha destaque em sua análise como a primeira organização feminina que emerge da memória das mulheres: “um espaço onde as mulheres podiam se encontrar para dialogar e talvez construir as primeiras estratégias de empoderamento naquele momento” (ANDRADE, 2016, p. 78). Ligado à igreja católica, o clube surgiu na região na década de 60, quando as mulheres da comunidade se deslocavam até a Vila Santana e participavam dos encontros junto com mulheres de comunidades rurais vizinhas. O clube tinha “a perspectiva de ajudar as famílias consideradas pobres do campo” (ANDRADE, 2016, p. 78). Dentre as atividades realizadas pelas mulheres nesse grupo, destacam-se a costura, a culinária, o bordado, o crochê, a pintura e o tricô. Visando ao desenvolvimento de atividades relacionadas ao lar e à família das agricultoras, na década de 80, o Clube de Mães foi influenciado pela Teologia da Libertação, sendo introduzidas mudanças em sua atuação e inserindo debates relacionados à política, sindicalização, violência doméstica, saúde da mulher, entre outros.

Bello (2017) reafirma a importância dos conhecimentos produzidos por mulheres negras em suas experiências diárias como mães, professoras, escritoras, empregadas domésticas, militantes dos direitos civis, cantoras e compositoras da música popular. Ao

investigar a história de vida de oito mulheres negras, sendo sete moradoras de Porto Alegre e uma do Quilombo do Limoeiro em Palmares do Sul, Rio Grande do Sul, Bello (2017), a autora trata do apoio familiar em suas trajetórias, destacando o papel das mães ao incentivarem o percurso educacional das entrevistadas. Abordando as configurações familiares nas quais essas mulheres estão inseridas, destaca:

o sentimento de preocupação com o coletivo e a rotina de abertura para novos membros entrarem nas famílias, seja por morte de algum familiar ou por alguma outra combinação. São primos, sobrinhos ou conhecidos que não tem quem cuide, não têm para onde ir, acabam se fixando e sendo adotados” (BELLO, 2017, p.111)

O acolhimento, o afeto e o respeito delineiam tal composição familiar, que é extensa, diferente do padrão ocidental de família nuclear. Nessa composição familiar ganha destaque a figura materna:

a organização triangular se dilui, abrindo-se, ramificando-se, esgotando a forma dos padrões instituídos, além de trazer, ao contrário da triangular, a figura materna como orientadora e referencial em sua formação. Nem sempre se trata de uma só pessoa a desempenhar esse papel. A figura materna se reduplica, migrando para várias mulheres e de forma concomitante. Há a presença de uma irmã mais velha, tia, madrinha ou mesmo vizinha, e, quando possível, de uma avó a desempenhar esse papel. Isso não significa que o homem seja excluído ou desrespeitado, o que acontece é que sua figura paterna não assume as mesmas proporções. (BELLO, 2017, p. 112)

Outra tese de 2017, cujo título é “Mulheres de um quilombo e seus processos de socialização com as crianças” de autoria de Gisely Botega, abarca as diferentes formas de “apreensão do mundo” nesse processo de interação no quilombo da Toca de Santa Cruz, em Santa Catarina. São salientados o modo singular das mulheres, o brincar das crianças, as conversas, as festas e eventos religiosos, o uso e cultivo das ervas, os penteados, os encontros, a circulação fora do território e, sobretudo, as narrativas das mulheres que envolvem contos, benzeção. O caso de Gracinha, mulher negra quilombola que teve a maternidade “desqualificada pela rede de proteção às crianças por classificação de risco”, ganhou destaque no decorrer da pesquisa:

Gracinha é uma mulher negra, quilombola; uma mãe que descende de outras mulheres que, como ela, criaram seus filhos no quilombo em uma convivência materno- comunitária. Gracinha é expressão de um processo de resistência, o que aprendeu com as mulheres antepassadas que também lutaram muito no cuidado e criação de seus(uas) filhos(as), para exercerem a maternidade e enfrentar as muitas dificuldades. (BOTEGA, 2017, p. 163)

De acordo com Botega (2017), o modo como Gracinha vive e expressa sua sexualidade “fora da norma” gerou um desconforto entre os profissionais da rede de proteção, materializado em um processo judicial que retirou a guarda de suas duas filhas menores, encaminhadas para acolhimento institucional em 2014. Todavia, a pesquisadora realiza uma contraposição baseada na carta da professora de uma das crianças:

Chama a atenção o destaque dado para a carta da professora de uma das crianças, vinculada a rede de ensino municipal, a qual sugeriu que os modos como se coloca Gracinha em relação às filhas é guiado pelo cuidado. Porém, sua escrita nesse campo documental pareceu uma ferramenta sem força, o que talvez abra para alguns questionamentos entre a educação e a justiça: como é acolhido o relatório de um(a) professor(a)? De um assistente social? De um psiquiatra? De um conselheiro tutelar? Quais aproximações a educação tem produzido com o judiciário? Interessante destacar que o relatório da professora ressaltava a “função materna” protetiva de Graça em relação às filhas, porém foi praticamente desconsiderado. (BOTEGA, 2017, p.183)

Em dissertação defendida no ano de 2017, Girleide Xavier buscou compreender a participação das mulheres quilombolas no fortalecimento da identidade étnica na comunidade Porto dos Cavalos – Ilha de Maré, Bahia. Por meio da etnografia, a autora identificou uma rede de parentesco extensa, com envolvimento de toda a comunidade. Sobre as relações que envolvem a maternidade, destaca-se a participação ativa das mulheres na relação com a escola do território, reivindicando o “respeito das crianças pela professora” – que não é do quilombo – e educação formal de qualidade – entendida como possibilidade de conhecimento para reivindicarem seus direitos. São destacados, também, os conhecimentos transmitidos pelas mães no que diz respeito às práticas do território (muitas mães são marisqueiras). Sobre as relações entre homens e mulheres no território e o protagonismo exercido pelas mulheres, a pesquisadora observou que:

Considerando o ponto de vista analítico dos dados coletados, compreendi que o motivo que leva ao posicionamento de homens e mulheres nesse grupo é a construção do contexto histórico e social, que colaborou para essa realidade encontrada. Isso se explica pelo fato de que as mulheres estão mais à frente dos processos educativos familiares e do trabalho na ilha. Até onde se sabe, muitas vezes, os homens estão acostumados a verem suas mães e tantas outras mulheres na linha de frente da vida social e na tomada de decisão dentro da família, desde os seus antepassados até hoje. Assim, eles reproduzem na vida cotidiana o que aprenderam com suas mães e, por conseguinte, acabam constituindo as suas próprias famílias, passando adiante esse comportamento social. (XAVIER, 2018, p.104).

Por fim, a dissertação de Silva (2018) trouxe a contribuição da figura materna na trajetória educativa de duas das mulheres e destacou “os múltiplos papéis que pairam sobre o universo feminino”: professora, esposa, mãe e estudante. Considerando a perspectiva interseccional e o feminismo negro, a pesquisadora evidencia “a força vital, o asê” que “emana da mãe (e não do patriarcado), enquanto referência de gestação de mudanças e transformações culturais, e, também, do estar e habitar a comunidade” (SILVA, 2018, p. 104).

Nesse sentido, as observações retiradas das teses e dissertações citadas anteriormente dialogam com as observações de Carneiro (2018) que, ao tratar das relações entre gênero e raça na sociedade brasileira, enfatiza o legado de uma história de luta; das relações entre raça, gênero e classe; da atuação de mulheres negras como mães, professoras e líderes comunitárias, dentre outros aspectos. Acrescentamos, assim, a partir da descrição dessas pesquisas, as conquistas e lutas maternas quilombolas pelo acesso às políticas públicas – dentre as quais destacamos o acesso à escolarização que fora negado a grande parte dessas mulheres –; as barreiras impostas pelo racismo em suas trajetórias; a presença do trabalho doméstico na vida das mulheres – desde a infância –; o aprendizado e a transmissão de saberes relacionados às práticas dos territórios; o incentivo de suas mães no processo de escolarização e uma composição familiar com destaque para o cuidado materno.

Conclusão

Há um número significativo de pesquisas realizadas no território quilombola de Serro (SOARES, 2012; SIMÕES, 2014; LEUCHTENBERGER, 2016; GONÇALVES, 2016; COSTA, 2017; SANTOS, 2018), município cuja população majoritariamente é negra, perfazendo 85% do total. A influência da cultura africana na região; as lutas por direitos territoriais, de saúde e educação; a tradição garimpeira e o assédio de grandes mineradoras figuram entre as temáticas estudadas.

As pesquisas apresentadas demonstram, ainda, o apagamento histórico e a luta por acesso a direitos básicos, como a demarcação e permanência dos quilombolas em seus territórios, o acesso à saúde e à educação. A marca da tradição garimpeira na

região, assim como os impactos dessa atividade na vida da população quilombola de Serro, também é expressiva: de um lado temos os homens que migram para regiões de garimpo em busca de trabalho, de outro lado, o assédio de grandes mineradoras às regiões quilombolas. Percebemos, também, especialmente nos estudos de Soares (2012) e Costa (2017), que, embora os moradores de cada uma das comunidades não se autodefinam, no primeiro contato com pesquisadores, como “quilombolas”, essa identidade é convocada na busca de garantir direitos, visibilidade e reconhecimento.

No âmbito das pesquisas desenvolvidas em programas de Pós-graduação em Educação, que versam sobre mulheres e quilombos, reafirmamos o protagonismo das mulheres quilombolas como mães, professoras e líderes comunitárias. Outras temáticas identificadas foram as barreiras enfrentadas em decorrência do racismo e as lutas das mulheres para assegurar direitos básicos nos quilombos. Ainda a questão do trabalho doméstico realizado fora do território, o aprendizado e a transmissão de saberes acerca das práticas da comunidade, além do incentivo da figura materna na trajetória de escolarização, figuram na atuação de mulheres quilombolas, conjugando maternidade e práticas culturais.

Referências

ANDRADE, Antônia Lenilma Meneses de. **Mulheres quilombolas**: movimento, lideranças e identidade. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Cametá, Pará, Universidade Federal do Pará. 2016.

BELLO, Luciane. **Possibilidades de resiliência no estar-sendo negra**: “é preciso ter coragem pra ter na pele a cor da noite”. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2017.

BOTEGA, Gisely Pereira. **Mulheres de um quilombo e seus processos de socialização com as crianças**. Tese (Doutorado em Educação). Florianópolis, SC. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2017.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça na sociedade brasileira. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. p.153-185.

COSTA, Tiago Geisler Moreira. **A comunidade de Queimadas frente à expansão minerária no Alto Jequitinhonha**: a defesa de um território. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais). Universidade de Brasília. Brasília. 2017.

FERREIRA, Maria Raquel Dias Sales. **Mulheres Quilombolas e Culturas do Escrito**: Voz e Letra na Comunidade Quilombola do Mato do Tição/MG. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social. Belo Horizonte, Minas Gerais. 2016.

GONÇALVES, Waldicleide de França Santos. **Comunidades quilombolas na Constituição Federal de 1988**: desafios na construção de políticas públicas implementadoras de direitos fundamentais “multiculturais” - um estudo de caso em Serro/MG. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Diamantina. 2016.

LEITE, Matheus de Mendonça Gonçalves; PINTO, Shara Gabriela Santos; ZANON, Márcia Cristina Gama; RIBEIRO, André Tourinho; BERNARDO, Jonathan Monteiro. Territórios quilombolas e emancipação humana: a reconstrução da estrutura agrária brasileira a partir do reconhecimento de direitos étnicos. **CBEU**. Sem data. Disponível em: <<http://www.cedefes.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Territórios-Quilombolas-e-Emancipação-Humana-a-reconstrução-da-estrutura-agrária-brasileira-a-partir-do-reconhecimento-de-direitos-étnicos.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

LEUCHTENBERGER, Ramoci. **Representações sociais de mulheres quilombolas sobre gestação, parto e puerpério e suas práticas de cuidado em saúde reprodutiva.** Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Diamantina. 2016.

MANFRINATE, Rosana. **Histórias femininas: resistência e educação no Quilombo de Mata Cavalu.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação. Cuiabá, Mato Grosso. 2011.

MARTIN, Juan Carlos Gimeno; MADROÑAL, Angeles Castaño. Antropologia comprometida, antropologia de orientação pública e descolonialidade: desafios etnográficos e descolonização das metodologias. **OPIS.** Catalão-Goiás. v. 16. n.2. p. 262-279. Jul-dez. 2016.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências. **Revista Brasileira de Educação.** v.17. n.50. Maio-ago. 2012. P. 369-383.

MIRANDA, Shirley; ZEFERINO, Jaqueline; PRAXEDES, Vanda; GONÇALVES, Carmem; SILVA; SILVA DE OLIVEIRA, Paula. Quilombos e Educação. In: SILVA, Paulo Vinicius; RÉGIS, Kátia, MIRANDA, Shirley (Orgs.) **Educação das Relações Étnico Raciais: o estado da arte.** Curitiba: NEAB-UFPR e ABPN, 2018. p. 473-536.

NUNES, Ranchimit Batista. **Educação, gênero e afrodescendência: a educação escolar e a organização de mulheres quilombolas em Brejão dos Aipins, Piauí.** Dissertação (Mestrado em Educação). Teresina, PI. Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós Graduação em Educação. 2013.

SANTOS, Maria José dos. **Trajetória educacional de mulheres quilombolas no quilombo das Onze Negras do Cabo de Santo Agostinho – PE.** Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo, SP. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós Graduação em Educação. 2012.

SANTOS, Sonia Beatriz. Famílias negras: uma perspectiva sobre raça, gênero e educação. **Revista Fórum Identidades.** Ano 9, v.17, n.17, jan.-abr. 2015. p. 115-158.

SANTOS, Suelen Alves dos. **Vozes em disputa: a educação escolar a partir da atuação do Conselho Municipal do Desenvolvimento Social das Comunidades Quilombolas de Serro/MG.** Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2018.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas.** Dissertação (Mestrado em Educação). Brasília, DF. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação. 2012.

SILVA, Jairza Fernandes Rocha da. **Deslocamentos identitários de gênero e raça de professoras negras na Educação Escolar Quilombola em Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). 2018a.

SILVA, Lauana Araújo. **Mulheres negras e suas representações nas coleções de livros didáticos de biologia aprovados pelo PNLD – 2015**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. 2018b.

SILVA, Paula Cristina. **“Aqui é tudo uma família só”**: maternidade e práticas culturais de um grupo de mulheres em um comunidade quilombola no Alto Jequitinhonha. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte, MG. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. 2020.

SIMÕES, Everton Machado. **África banta na região de Diamantina**: uma proposta de análise etimológica. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2014.

SOARES, Patricia Barros. **Usos sociais da leitura e da escrita em uma comunidade quilombola – Alto Jequitinhonha/MG**. Belo Horizonte, 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. 2012.

SOUZA, Gilmaria Silva. **Das fronteiras**: mulheres, gestão quilombola e gestão escolar no quilombo-ribeirinho de Alegre, Januária, MG. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. 2017.

XAVIER, Girleide da Silva. **Mulheres do quilombo**: identidade étnica, gênero e educação na comunidade Porto dos Cavalos – Ilha de Maré, Bahia. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Salvador, BA. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. 2018.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 10/2020

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424